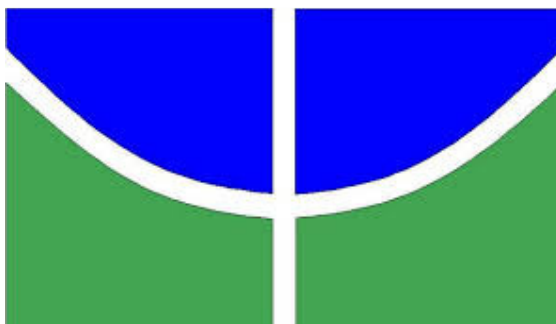


***Trabalho final de conclusão
de curso
(Monografia)***

***Título: A representação Social do elemento
trágico em Morte e Vida***



Dados Pessoais

Universidade de Brasília (UnB)

Orientador: Alexandre Pilati

Orientando: Pablo Giovanni Silva da Costa

Curso: Letras Português/Graduação Licenciatura

Período: nono semestre

Mês e ano de Publicação: 20 de julho de 2013.

Matrícula: 09/0043847

Email: pabloalvoradafolia@hotmail.com

Introdução

O cerne da monografia busca analisar a noção de trágico presente na obra do poeta pernambucano na tentativa de se aproximá-la da tragédia clássica do mundo ocidental. Por exemplo, Édipo e Antígona. Para tanto, o trágico deve ser entendido como aquilo contra o qual os personagens não conseguem lutar; (seja em relação a si próprios ou por força de um acontecimento alheio) consiste também na impossibilidade de mudar a sua condição ou situação. Severino é um personagem consciente de certa forma da sua miséria e desgraça, conforme se verifica nos seguintes versos:

“– Nunca esperei muita coisa,

Digo a Vossas Senhorias.

O que me fez retirar

Não foi a grande cobiça;

O que busquei

“Foi defender a minha vida...”. (MVS, 2000, pág.62).

Édipo só fica sabendo do seu cruel destino já no fim da peça teatral em si, por uma ação vingativa dos deuses. Ele precisa morrer, pois matou o pai e desposou a mãe. Já Antígona desafia a tirania do estado Tebano e sofre amargamente as imposições do imperador Creonte. *Morte e vida Severina* se revela para nós leitores, dentro de uma potencialidade trágica transcende e viva, pouco examinada pelos acadêmicos na sua maioria. Trata-se uma grande obra dramática tão digna de respeito e reverência quanto aos tão conhecidos clássicos gregos.

Severino, ainda que, saia do sertão rumo litoral de Pernambuco (Recife) seu destino será cruel e impiedoso. Atente abaixo:

“–E esse povo lá de riba

De Pernambuco, da Paraíba,

Que vem buscar no Recife

Poder morrer de velhice,

Encontra só, aqui chegando.

Cemitérios esperando.

Não é viagem o que fazem,
Vindo por essas caatingas, vargens;
Aí está o seu erro:
Vêm é seguindo seu próprio enterro”. (MVS,2000,pág.68).

É com esse espírito que pretendo desenvolver o meu trabalho, isto é, sempre guiado pela noção de trágico dentro da obra, a fim de desvendar aos poucos a substância da tragédia contida na obra, em muitos casos, ignorada pelos estudiosos da literatura de modo geral.

Capítulo 1 Noção do trágico na literatura contemporânea

Ao longo da tradição literária ocidental o conceito de *tragédia* foi associado a um mundo de contradições irremediáveis entre os homens e os deuses. O espaço dos protagonistas na obra em si era reservado aos heróis ou aos reis. Nada de seres comuns ou medianos da sociedade. Em Homero, verificamos tanto na *Ilíada* quanto na *Odisseia* personagens fortes, guerreiros, ora guiados pelos seres imortais, mas que absolutamente marcados para morrer em razão da implacável fúria do Olimpo. Nesse sentido, é importante o que Samuel (2007, pág.26) destaca em relação à análise de Lesky sobre tal assunto:

“Observando a questão trágica das epopeias homéricas, observa que no centro de cada uma delas se ergue sempre o herói cheio de glória diante do fundo escuro da morte certa que vai levá-lo ao nada, complementado pela posição do fato de que o homem é colocado frente aos deuses. Esta luta, se para os homens é fatal, nela arriscam tudo o que têm e o que perderão na morte amarga. Zeus observa Heitor possuído de orgulho e o lamenta, concedendo-lhe ainda uma hora de exaltação: é assim Homero foi o pai da tragédia. ”

Também devemos citar Sófocles, o grande representante do gênero trágico-grego, com quem talvez tudo tenha começado, mas falemos especificamente da sua obra *Édipo, o rei* em que fica bastante nítida a exploração do personagem diante do seu destino previamente programado e acertado pelos deuses. Vê-se abaixo, a máxima da condição trágica, atente-se para as seguintes passagens:

Tirésias (adivinho) fala sobre Édipo:

“Derrotado serás- é teu destino-

Mas não por mim: Apolo bastará, para fazer o que a um deus compete!”.

(Sófocles, 1976, pág.27).

Noutra parte Tirésias prevê o isolamento e a morte inelutável do rei:

“Ao duplo látego da maldição

De teu pai e tua mãe, serás um dia

Expulso do seu país em triste pressa;

Em teus olhos, que hoje pensam ver claro,

Terás então a treva irreversível!

[... Pois nenhum outro homem

Jamais há de ter sido triturado

[Com tanta crueldade como tu...].

(Sófocles, 1976, pág.29).

Por outro lado, na concepção moderna de tragédia cai esse mundo de deuses e heróis e surge a noção da individualidade do sujeito, conectada à história e a crise ética. Samuel (2007, pág.29) salienta:

“A tragédia moderna fundamenta-se no “princípio da subjetividade” como elemento propulsor do trágico”. Portanto, devemos compreender aí a individualidade do sujeito, o seu isolamento no mundo, bem como a sua incompreensão do mesmo quando as coisas estão severamente perversas ou até mesmo a sua total conclusão que jamais poderá mudar a sua condição de explorado e sofredor, tendo que recorrer muita das vezes, ao suicídio como forma de “se livrar do exaustivo fardo que é a vida do dia a dia de algumas pessoas”.

Raymond Williams (intelectual inglês), no entanto, situa a palavra tragédia como certo específico acontecimento literário, propriamente dito, derivada da chamada arte dramática, que por mais de vinte e cinco séculos perdurou na nossa civilização ocidental calcada numa longa tradição clássica. Segundo, ele:

“A tragédia, nós dizemos, não é meramente morte e sofrimento e com certeza não é acidente. Tampouco, de modo simples, qualquer reação à morte ou ao sofrimento. Ela é, antes, um tipo específico de acontecimento e de reação que são genuinamente trágicos e que a longa tradição incorpora. Confundir essa tradição com outras formas de acontecimento e de reação é simplesmente uma ignorância.”. (Williams: 2002, pág.30).

Então, falar em tragédia em *Morte e vida Severina* sob tal perspectiva pressupõe a materialidade literária em si, isto é, a transformação da situação real ou supostamente vivida pelo personagem em obra de arte. Isso, não quer dizer que fatos ocorridos para além da literatura sejam desprovidos de natureza trágica. Significa, apenas que, uma vez apropriada pelos escritores em geral, esses fatos ganham forma e sentido verdadeiramente organizados, obedecendo a uma estrutura dramática particular e comum. Ideias contemporâneas sobre tragédia reunidas por Williams trazem: a necessária destruição do herói e sua elevação à vítima, a naturalidade do sofrimento diante dos percalços da vida, a resignação constante das eventuais contradições do mundo, (fome x fartura, pobreza x miséria), ação irreparável da realidade dominante, na qual, a morte é necessária e os demais intentos humanos funcionam como aspectos meramente contingenciais, e por fim, a ênfase sobre o mal, algo contra o qual, o ser humano não pode lutar.

Williams adverte:

“A impossibilidade de achar um espaço acolhedor no mundo; a condenação a uma errância culpada; a dissolução do eu e dos outros em um desejo que está além de todos os relacionamentos: esses temas românticos são a fonte importante de quase toda a tragédia moderna”. (Williams, 2002, pág. 129).

. É importante localizar a produção cabralina no período correspondente a uma *consciência dilacerada do atraso* (Cândido, 1989, pág. 140-162), já que *Morte e vida Severina* foi publicada em 1955. Essa consciência, nas palavras de Antônio Cândido surgiu com o pós-guerra. A ficção regionalista, todavia, diz ele desde os anos de 1930 apresentava mudança no tratamento dado ao tema literário, que por sua vez, deixou de lado a forma amena e a dita curiosidade “características” do homem rústico para adentrar, digamos assim, na realidade nua e crua do nordestino, a exemplo, de Cabral, Graciliano, Raquel e Zé Lins. Cândido afirma:

“Ora, dada essa ligação casual *terra bela - pátria grande*, não é difícil ver a repercussão que traria a consciência do subdesenvolvimento como mudança de perspectiva, que evidenciou a realidade dos solos pobres, as técnicas arcaicas, da miséria pasmosa das populações, da sua incultura paralisante. A visão que resulta é pessimista quanto ao presente e problemática quanto ao futuro.” (Cândido, 1989, pág. 140-162).

Houve nesse período, na chamada literatura regional, um interesse pela representação da desigualdade e da injustiça, a fim procurar soluções para um país cuja situação é de subdesenvolvimento. Nota-se de qualquer maneira, o número exacerbado de analfabetos no país a época, o que favorecia um público leitor

menor e pouco especializado devido à dificuldade de se dedicarem as suas tarefas artísticas, a falta de condições materiais para o desenvolvimento e aprimoramento dos estudos pelos artistas, poucos meios de divulgação e circulação das obras literárias, enfim um cenário meio adverso e nada promissor em termos sociais. Na política estávamos, vivenciando o momento tenso entre os EUA e a URSS conhecido por guerra fria, no plano global. Localmente, no Brasil tínhamos Getúlio Vargas no poder figura bastante controvertida e enigmática, pois ao mesmo tempo em que aparentava respirar ares de democracia praticava algum ato unilateral e desrespeitador das liberdades individuais. Bom, quando João Cabral de Melo Neto escreveu *Morte e Vida Severina* no início dos anos cinquenta, Recife tinha outra configuração urbana, econômica e sociopolítica muito diferente da que se tem hoje. Nunca se deve interpretar a capital de Pernambuco como metáfora de toda a miséria do Nordeste. Nem reduzir o personagem Severino a mero espelho do lugar onde vive ou pretende viver. Atualmente, Recife está entre as capitais do Brasil de maior desenvolvimento econômico e cultural. É possível assistir encenações de *Otelo* em praça pública sem pagar um centavo por isso. O famoso bairro de Boa Viagem, por exemplo, concentra um setor de valorização imobiliária digno dos grandes centros do mundo. Comprar uma casa naquela região é realmente privilégio de poucas pessoas.

Para finalizar este capítulo, destaco o artigo do professor Alexandre Pilati, intitulado *Pode o Severino falar?* Nele é desenvolvido o entendimento de que o personagem de João Cabral, é visto como oprimido pelo sistema de modernização do sertão, não tem voz. Dessa forma, Severino é fruto da atroz exclusão social promovida pelo capitalismo, sendo representado no papel de vítima, onde o próprio personagem adquire aos poucos ou sempre teve em certo sentido essa consciência da sua condição de miséria e exploração. “É difícil defender só com palavras a vida, ainda mais esta aí, que se apresenta Severina,” nas palavras do mestre carpina, seu José. Pilati ressalta:

“Severino deve ser visto como o oprimido brasileiro que em sua caminhada vai descobrindo que sua opressão transcende as causas físicas e climáticas, e no mesmo passo, vai perdendo a sua voz e o espaço dentro da estrutura da obra.” (Pilati, 2001, pág.4).

Embora, o discurso de Severino seja silenciado no decorrer da narrativa, a própria circunstância pessoal do personagem fala por si mesma, isto é, as condições materiais de sua parca existência, já nos diz muita coisa, conforme é possível deduzir das palavras do carpinteiro, será que Severino mesmo dotado da capacidade de “falar” seria ouvido? Qual é o compromisso do estado, da sociedade, dos indivíduos como um todo com as mazelas e as desgraças sociais que atingem o seu povo? É aceitável que um sujeito morra de fome ou tente o suicídio num país que, segundo dizem, é a sexta maior economia do mundo na atualidade? Podemos ser indiferentes com a animalização das pessoas, ora sendo

confundidas com os próprios bichos na sua terra natal? Cadê a capacidade de indignação dos homens? Isso, realmente foi silenciado no tempo e no espaço.

Capítulo 2 O percurso trágico de Severino no auto-pernambucano

Fazendo um breve percurso trágico de Severino, personagem de João Cabral, considerando os argumentos expostos acima, deve-se, sem dúvida, começar pela autoapresentação do mesmo no início do poema, que ao tentar se definir ou buscar uma raiz ou origem comum, encontra-se cada vez mais, na verdade, perto de certa individualidade ilusória, pois quanto mais fala sobre si mais se reconhece pertencente aos outros menos se individualiza, além da irresistível resignação diante da morte conforme se extraí dos versos:

“O meu nome é Severino,
Não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
Que é santo de romaria,
Deram de me chamar Severino de Maria.”
(MVS, 2000, pág.45).

“E Somos muitos Severinos
Iguais em tudo na vida,
Morremos de morte igual,
Mesma morte Severina:
Que é a morte de que se morre
De velhice antes dos trinta,
De emboscada antes dos vinte,
De fome um pouco por dia”.
(MVS, 2007,pág.46).

Percebe-se, nesse fragmento, tanto a dissolução do eu quanto o aspecto da resignação da morte. É importante, deixar claro, que no nordeste do tempo em que o auto foi escrito havia sérios problemas de inúmeros nascimentos sem

registro aliada a uma taxa de analfabetismo alarmante. Daí pode interpretar o fato de Severino não conseguir se identificar consigo mesmo, pois inexiste no mundo do direito legalmente constituído. A situação trágica começa por esse caminho.

Mais adiante, Severino encontra-se com dois homens carregando um defunto, aqui ocorre o primeiro contato com a morte, esta que é constantemente banalizada e vista como natural ou preferível a ter que viver nessa longa caminhada do sertão ao litoral trajetória pretendida por Severino. Cito abaixo:

“A quem estais carregando,

Irmão das almas,

Embrulhado nessa rede?

Dizei que eu saiba.

A um defunto de nada

Irmão das almas,

Que há muitas horas viaja

À sua morada.

(MVS, 2000, pág.47).

“Mais sorte tem o defunto,

Irmão das almas,

É muito longa a viagem

E a serra é alta.

(MVS, 2000, pág.50).

Devemos também nos ater as imagens do poema, vista que elas ajudam compor esse universo trágico. Dois homens carregando uma rede, defunto, serra alta e longa viagem traduz um ambiente hostil e adverso, revelando a Severino que o pior ainda está por vir. Parece uma espécie de rumo ao holocausto ou calvário de Jesus. O famoso caminho antes de morrer. Uma das mais belas imagens do auto de natal, com certeza se dá, quando o rio Capibaribe (maior rio do estado de Pernambuco), corta com o Verão, ou seja, seca e aí o personagem se sente isolado e sozinho no meio de tantas vilas. O que era grande ficou pequeno. Veja o ele diz:

“Vejo que o Capibaribe,

Como os rios lá de cima,

É tão pobre que nem sempre

Pode cumprir sua sina

E no verão também corta,

Com pernas que não caminham”.

(MVS, 2000, pág.51.)

“Tenho que saber agora

Qual é a verdadeira via

Entre essas que escancaradas

Frente a mim se multiplicam,

Mas não vejo almas aqui,

Nem almas mortas nem vivas

Ouçó somente à distância

O que parece cantoria. ”

(MVS, 2000, pág.51).

Prosseguindo à análise dos versos, logo após Severino se depara os cantadores de excelências, e acaba supresso ao constatar, que até a morte apresenta natureza festiva. O personagem vê, a partir daí, a sua naturalização. Cabral nos lembra de que esse costume é típico do nordeste, porém Severino fica meio cismado com tal prática. Segue os versos:

“Desde que estou retirando

Só a morte vejo ativa,

Só a morte deparei

E às vezes até festiva;

Só a morte tem encontrado

Quem pensava encontrar a vida”.

(MVS, 2000, pág.53).

Outra cena genial decorre da conversa de Severino com a rezadeira titular de toda aquela região, isso antes dele chegar à zona da mata. Nesse diálogo, o trágico não está no número elevado de mortes em si que esse trecho carrega, já que podemos sentir essa marca em outros momentos da obra, mas está no extremo pessimismo fatalista sustentado pelo discurso da rezadeira cuja conclusão é aterradora: não há nada a que se fazer. A morte é necessária. Fugir dela é impossível. A todos ela consome.

Olhe:

“Só os roçados da morte

Compensam aqui cultivar,

E cultivá-los é fácil [...].

[...]. “As estiagens e as pragas

Fazem-nos prosperar;

E dão lucro imediato;

Nem é preciso esperar

Pela colheita: recebe-se

Na hora mesma de semear”.]

(MVS, 2000, pág.57-58).

Chegando agora a Zona da mata e, portanto, mais próximo do litoral, Severino comete talvez o seu maior desatino, ingenuamente pensa estar a caminho da vida duradoura e menos trabalhosa, supostamente idealizada pelo personagem como lugar do progresso e da felicidade humana (Recife), que mais tarde se revela num tremendo golpe, levando o personagem a tentar cometer o suicídio, saltando para fora da vida.

“Decerto a gente daqui

Jamais envelhece aos trinta

Nem sabe da morte em vida,

Vida em morte, Severina;

E aquele cemitério ali,

Branco na verde colina,
Decerto pouco funciona
E poucas covas aninha.”

(MVS, 2000, pág.59)

Em Morte e Vida Severina, a conversa dos dois coveiros no momento em que Severino chega ao Recife é cruel e mais tarde servirá de base para o referido personagem tentar morrer logo do que suportar tudo isso, lentamente:

“Uma coisa notei
Que jamais entenderei:
Essa gente do Sertão
Que desce para o litoral, sem razão,
Fica vivendo no meio da lama,
Comendo os siris que apanha;
Pois bem: quando sua morte chega,
Temos de enterrá-los em terra seca”.

(MVS, 2000, pág. 67-68).

Antes mesmo de chegar à capital pernambucana o drama vivido pelo personagem de João Cabral é visceral. Desde o início do auto se vê diante da morte, da fome, da seca, da miséria, da falta e da necessidade de autoafirmação ou conhecimento de si mesmo, enfim da busca por alternativas de se viver melhor e com certa dignidade pessoal.

É interessante notar no auto de natal pernambucano a importância que João Cabral dá ao meio físico, isto é, a passagem ao redor do personagem Severino, ora confunde-se com o mesmo, ora guiando-o rumo ao seu destino, constituindo assim também uma representação trágica do enredo na obra. É clara a referência a serras, montanhas, matas, caatingas, agrestes, rios e o mar. O ambiente seco, rural, solitário, amargo e adverso percorre toda a construção das cenas. Isso se explica naturalmente pela influência na obra da tradição ibero-medieval cuja literatura a época valorizava esses elementos. Logo, até as paisagens funcionavam de certo modo como personagens da trama teatral. Afinal, o que seria de Severino sem o seu guia, o rio Capibaribe pelo caminho!

Essa ideia é tão verdade que quando o rio Capibaribe seca, Severino decide procurar emprego e esperar que o rio volte com a cheia para então prosseguir o

seu caminho. Notem: *é o rio que seca, que corta com o verão etc.* Veja a preocupação do mesmo:

“Pensei que seguindo o rio

Eu jamais me perderia:

Ele é o caminho mais certo,

De todos o melhor guia.

(MVS, 2000, pág.51).

A importância do rio é notória durante toda a narrativa do auto, ler o drama sem compreender essa ligação inseparável entre homem e natureza é lê-lo grotescamente, sem os devidos cuidados.

Quando chega ao Recife a desolação e o desespero é total. Além disso, é evidente a tomada de consciência pelo personagem da sua deplorável situação. Como o próprio diz:

“Nunca esperei muita coisa,

É preciso que eu repita.

Sabia que no rosário

De cidades e vilas,

E mesmo aqui no Recife

Ao acabar minha descida,

Não seria diferente

A vida de cada dia”.

(MVS, 2000, pág.69).

Mais adiante teremos a imagem de duas ciganas predizendo o futuro do menino que vai nascer uma concentra-se apenas no lado ruim da vida, a outra mostra sinais de otimismo e promessa de tempos bons. Na tradição ibérica era recorrente tal intervenção, todavia o que se coloca na obra (implicitamente) é que apesar dessas previsões o indivíduo pode mudar a sua vida e escolher o caminho que deseja seguir. Logo, temos uma radical mudança em relação à concepção de tragédia pelos gregos, *pois é Severino que caminha para o próprio enterro sem ao certo saber, e não há presença de um deus ou deusa qualquer, influenciando ou relatando a sua tragédia pessoal sem possibilidade de mudança.*

É possível abordar mais questões, porém as reuni desta forma, por falta de tempo.

A tragédia em *Morte e vida Severina* pode ser vista de várias maneiras, porém deve passar obrigatoriamente por esses pontos mencionados no desenvolver do trabalho. De tudo, se posso assim sintetizar, o trágico em Severino consiste, reunindo os detalhes supracitados e por mim analisados, justamente no fato de que mesmo que ele tenha saído do sertão ao litoral nada pode fazer para alterar o seu destino, sua desilusão ou a sua decepção pelo menos na obra literária em si. A capital não é muito diferente do interior. Tanto em uma como na outra há mortes, cemitérios, trabalho árduo e ininterrupto dos menos qualificados ou analfabetos, logo há dureza, pedreira e severidade. O problema de Severino transcende a própria pessoa e migra consequentemente para o fato social onde as soluções são mais demoradas e complexas. O drama de Severino não é só dele. É de todos aqueles que buscam o seu lugar ao sol todo santo dia, enfrentando incontáveis intempéries pela estrada, muitas das vezes caindo na travessia, e adquirindo consciência que a vida não é fácil e está longe de ser um mar de rosas.

Considerações finais

A literatura no Brasil, ainda é mal estudada, sobretudo à regionalista. Historicamente, fomos levados a acreditar que o famoso eixo Rio X São Paulo é que reuniu as melhores produções literárias, mais acabadas em termos técnicos e nada que venha da região nordeste pareceu ou parece digno de nota. Isso aliado, ao nosso sistema de valores e tradições que se apoiam grosseiramente na produção estrangeira como parâmetro de excelência. Por isso, *Morte e vida Severina* no meio popular em quase nada tenha surtido efeito como *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, por exemplo, que causa ou causou, inclusive, naqueles que nunca a leram certo conhecimento sobre a obra. É bem interessante esse fenômeno, isto é, o sujeito jamais leu Shakespeare, porém consegue falar algo a respeito do autor e de sua obra. E, no país em que um escritor escreve uma das mais significativas obras de natureza trágica ou dramática pouquíssimas pessoas conhecem ou já a leram na íntegra. João Cabral, no seu *autopernambucano* nos mostra todo percurso trágico de Severino (sinônimo de Severo ou Severidade) que pode ser, na verdade, o de qualquer um de nós. Os anseios, as desilusões, as buscas, as contradições, a persistência, a perda da identidade e da individualidade, a morte dando sinal e a vida suplantada pelo capitalismo em cada travessia é uma constante em nossas trajetórias pessoais. Não podemos simplesmente ignorar tais questões. Hoje saímos de casa e mal sabemos se conseguiremos voltar são e salvo. O problema da morte se apresenta a toda hora, assim como no auto de natal. O que é nos permitido esperar? Na vida moderna, a experiência do viver é quase uma encenação trágica. Os conflitos estão em ao nosso redor e em toda parte, sendo representados de diversas maneiras por diferentes autores.

Referências

Cândido, Antônio. *Literatura e subdesenvolvimento*. In: Educação pela noite& outros ensaios. São Paulo: Ática, 1989.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina e outros poemas para vozes*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

Pilati, Alexandre Simões. *Pode o Severino falar?* Revista Brasileira Contemporânea, Brasília, n.13, Maio/jun 2001, pág.4.

Samuel, Rogel. *Novo manual de teoria literária*. 4.Ed. revista e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

Sófocles. Édipo rei. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

WILLIAMS, Raymond. Tragédia moderna. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.